ANO 1.º — LISBOA—SABADO, 19 DE NOVEMBRO DE 1921 — N.º 194

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA G RAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 7

OS jornais de ámanhã publicarão uma carta dirigida pelo sr. Presidente da República ao antigo senador dr. Lobo Alves, carta que por este senhor será lida em Chaves á beira da campa do dr. Antonio Granjo.

Sabemos que nesse documento, a todos os titulos importante e que muito vale tambem como primorosa peça literaria, faz o Chefe do Estado o elogío do malogrado presidente do ministerio em termos sinceros e calorosos.

A carta do sr. dr. Antonio José de Almeida é ainda muito valiosa porque nela se encontra claramente definida a atitude do supremo magistrado da nação perante o momento que decorre.

* * *

O SR. dr. Vasques Calafate esteve hoje no ministerio dos Estrangeiros agradecendo ao sr. dr. Veiga Simões os bons resultados da sua inteligente interferencia no caso dos poveiros. Como se sabe, o conselho de ministros aprovou a realização do emprestimo, excepto na parte que diz respeito ao apetrechamento do porto mercante da Povoa de Varzim, o que de modo algum quere dizer que essa aspiração dos poveiros não venha a ser um facto. Sê-lo-há até muito brevemente, logo que seja publicado o decreto sobre marinha mercante nacional.

* * *

VEEM a Lisboa três humildes pescadores da Povoa de Varzim, encarregados pela classe piscatoria de pedir ao sr. ministro dos Estrangeiros que aceite a candidatura a deputado por aquele circulo. Os poveiros desejam manifestar-lhe por essa forma o seu reconhecimento.

* * *

NORBERTO Guimarães, que foi nosso adido militar em Paris, não tenciona regressar a Portugal, pois vai dedicar-se lá fora á vida comercial. Mercurio sucede a Marte. Não esqueceremos, porém, que Norberto Guimarães honrou a farda que veste ainda e o prestigio do nosso nome.

* * *

OS restos mortais de António Granjo vão-se aproximando da sua derradeira morada. Quando êle já repousar, na inalterável paz das coisas, ainda os que o assassinaram, directa ou indirectamente, ignorarão que justiça os há-de castigar.

Êstes compassos de espera, quando há sangue a clamar vingança, são de molde a fazer-nos entender que o futuro dos povos depende ás vezes da voz dum morto.

* * *

ADELAIDE Felix publicou agora *Miragens Tôrvas*, que constitue um livro emocinante em que uma sensibilidade se inquieta e atormenta numa série de narrativas em que a fantasia vôa com azas de corvo.

* * *

MAXIMIANO Correia enviou-nos a conferência que, em Junho de 1920, realisou na Associação dos Médicos do Centro de Portugal. Intitula-se *Sôbre a Medicina dos Lusiadas*.

* * *

O sr. dr. Afonso Costa não pensa em voltar a Portugal tão cêdo, pelo menos com animo de voltar á actividade politica. Está tratando, em Paris, de arranjar instalações para a sua numerosa familia.

BOAS PALAVRAS

O sr. Antonio Maria da Silva, numa entrevista que concedeu ao *Seculo*, apreciou os ultimos acontecimentos, com uma franqueza que muito o honra. Já varias vezes dissemos que se torna necessario que os chefes politicos falem claramente, para que o publico possa formar o seu juizo ácerca dêles.

Como vivemos num periodo perturbado, as opiniões erroneas, os boatos atrevidos e tendenciosos encontram uma atmosfera propicia para se divulgarem, como se fôssem verdades insofismaveis.

O sr. Antonio María da Silva, varrendo a sua testada, cumpriu o seu dever e prestou tambem um serviço aos que de bôa fé querem certificar-se da significação do movimento outubrista.

Dentre as suas declarações, convem fixar a que se refere ao actual governo que, *por amor do país e da República, da disciplina e da ordem, devemos amparâ-lo, todos, o mais que pudermos, até que seja substituido ou se recomponha, e sem abdicação do nosso decôro de cidadãos e de republicanos*. Reputamos patriotica esta atitude e digna dum homem cujas responsabilidades politicas o obrigam a uma alta prudencia.

O governo Maia Pinto, que nasceu entre cerradas incertezas, embora não seja o mais perfeito dos governos, merece o apoio de todos os que não se deliciam com lutas sistematicas. Acima de partidos e de paixões, coloque-se a imagem da Patria. Devemos perdoar-lhe certos erros e defeitos, porque a obra do nosso ressurgimento é tão vasta que só o concurso de nós todos a conseguirá levar a cabo. Como as eleições estão marcadas para o proximo mês de Dezembro, se não vier por aí qualquer providencial adiamento, e delas depende a normalização da nossa vida constitucional, importa que o sr. Maia Pinto cuide, sobretudo, de manter a ordem publica, de maneira que deixemos de arrastar-nos em terriveis incertezas.

No momento em que escrevemos estas linhas, recebemos uma carta de Paris em que um viajante nosso amigo nos dá conta rigorosa do que tem ouvido e visto. Não se póde dizer que Portugal gose duma ardente simpatia, principalmente por causa das nossas frequentes revoluções. O estrangeiro não compreende a razão de tal fenomeno.

Em que corrente de idéas se filia?

E' de origem reaccionaria ou radical?

Nós proprios temos uma certa dificuldade em o explicar, visto que não existe um fio condutor que nos conduza, através de tal confusão. O pensamento, entre nós, perdeu o predominio que devia ter, aparecendo em seu lugar aspirações vagas e contraditorias muitas das quais trazem disfarçada a lamina dum punhal.

UM DILETANTE...

(De *Guillaume*)

—Desengana-te, menina! Como musica espanhola ainda não ha como o *Barbeiro de Sevilha*.

NA sua entrevista que *O Seculo* hoje publicou, afirma o sr. Antonio Maria da Silva que, se ninguem castigar os criminosos da noite tragica, os democraticos, logo que sejam governo, procederão sem contemplações. Esta ameaça fica suspensa sobre as cabeças delinquentes, para que se saiba que as eleições não são uma promessa de amnistia.

* * *

A' POLICIA do Porto foi pedida a captura de José Julio da Costa que, desde 19 de Outubro passado, anda em liberdade.

E' crivel que não o encontre, tanto mais que, segundo se diz, está louco, mas de uma loucura, entre nós tão celebre, que não falta quem lhe dê outro nome mais pomposo.

Como as palavras mudam de sentido com as pessoas! E' até por causa disso que certos crimes parecem actos heroicos. Que frio, no coração!

* * *

JÁ foi nomeado o novo consul geral de Portugal no Brasil. E' o sr. Carlos da Fonseca Sampaio Garrido.

* * *

ENVERGONHARAM-SE finalmente os nossos telefones de permanecer mudos, sendo pagos para falar, num país em que toda a gente fala por amor á arte—de amontoar tolices.

Na manhã de hoje um terrintar de campainha anunciou-nos festivamente o sabado de Aleluia da longa semana de trevas telefonicas que passámos.

A voz da menina, doce como ovos em fio, preguntou cariciante:

—E' do 3194? Já tem a linha boa.

Boa menina que tão carinhosamente nos anunciou o regresso ao mundo—dos telefones!

* * *

JOÃO Franco, do seu retiro do Alcaide, enviou ao nosso colega de redacção L. Consiglieri Sá Pereira um bilhete em que lhe diz ter «apreciado muito a forma elegante e comovida com que aludiu a sucessos que, por terem sido vividos com alma, me deixaram sem vida para sempre».

***

DIZEM-NOS de Paris correr lá que dois dos mais notaveis membros do actual governo são correligionarios de Lenine. Não haverá meio de contrariar o curso de boatos tão disparatados?

* * *

JÁ encontrámos hoje um simpatico advogado que nos assegurou ter a sua candidatura garantida por um dos circulos do norte. Posto que seja absolutamente desconhecido dos seus provaveis eleitores, fumava um excelente charuto cujo fumo, perdendo-se no espaço, diluindo-se, nos trouxe á ideia a lembrança de que tambem a consciencia do povo é facil de queimar-se.

***

FICARAM hoje retidos em casa, com grippe, os srs. presidente do ministerio e ministro da Agricultura.

* * *

CARLOS Alberto Ferreira, cronista parisiense de *Diario de Lisboa*, enviou-nos o seu interessantissimo—*Ensaio historico sobre a Dama das Camelias* que a casa Guimarães & C.ª editou com muito gosto.

Magazine

Como principiou Sara Bernhardt

A maior parte das creaturas de quem depende a entrada dos genios na scena da grande vida têm quasi sempre o condão de lhes não ligarem nenhuma importancia senão depois de terem a reputação feita.

Quando os vêem, consideram-nos tolerantemente, com a condição de os não incomodarem. E' que as creaturas superiores, de natureza nobremente orgulhosa, não toleram instintivamente um predominio que provenha apenas de situações adquiridas. A intuição inata da sua superioridade revela-se tanto mais, quanto mais dificeis fôrem as circunstancias em que se debuterem; porque então o superior julga-se no direito de os tratar soberana ou protectoramente, e eles revoltam-se—a trôco de permanecerem na situação de luta e de sofrimento.

Mas acabam por vencer. O artista realisa a sua obra a despeito de toda a oposição. Depois, os que se lhes opuzeram, cumprimentam...

Isto vem a proposito dos principios da grande, da imortal Sara Bernhardt, a maior das tragicas:

Felix Duquesnel acabava de ser nomeado director do Odeon, juntamente com Chilly. Introduziram no gabinete uma rapariguita ainda, artista foragida da Comédie Française e do Gymnase. Já tinha sido mal recebida em dois grandes teatros!...

Duquesnel, que tinha assinado um contracto com ela, foi obrigado a tomar a responsabilidade dos seus ordenados, a fimde levar Chilly a aceitá-la.

«Não! havia ele dito. V. é uma rapariga insuportavel». E voltando-se para Duquesnel: «E é muito magra!»

Diante da teimosia de Duquesnel, que lhe afirmou que o contracto estava fechado, Chilly disse á rapariguita:

—Está bem. Ficas fazendo parte do Odéon, mas has-de ser uma pensionista com juiso!

E a grande Sara, voltou-se para ele e respondeu-lhe orgulhosamente:

—Hei-de fazer o possivel, sr. director. Mas se me tratar por tu, trato-*te* tambem por tu.

E já que estamos falando do debutar dos grandes, falemos tambem do *Passant* de François Coppée, um desconhecido.

Os directores do Odéon eram ainda os mesmos. Chilly recusava-se a pagar os costumes, como oposição a uma peça a que quizera negar entrada; não queria tambem mandar fazer scenario novo.

—Novo! respondeu-lhe Sara Bernhardt. Quando tivermos representado a peça 200 vezes, já não será novo!

—Cedo, disse Chilly. Mas esse diabo desse teu *Passant* há-de ser representado em *matinée*, logo ao levantar do pano...

—Oh! eu só hei-de chegar cá ás três horas, respondeu Sara.

NACIONAL Telefone C. 2049

HOJE GRANDIOSO SUCESSO QUE RECRUDESCE

A notavel peça historica

D. AFONSO VI

Primoroso desempenho — Brilhante conjuncto

Na proxima semana — 2.ª recita de assinatura e «première» da peça Casa Cercada

COZINHA Á PORTUGUESA

: : APOLO : :

GATO POR LEBRE

Sabado, 19, ás 21,15

Grande sucesso dos numeros novos

Num sino — por Henrique Alves
Alfama — por Henrique Alves e Maria Alves
Boneca de trapos — por Tereza Gomes
Um homem aflito — por Armando Machado
Flautista e Zabumba — por Jorge Roldão e Julio Burgos
Novo Maxixe — por Rosa Mateus e Maria Alves
Desgarrada do Rocio — por Alberto Reis e Lina Demoel

CRONICA FINANCEIRA

PALAVRAS E OBRAS DO MINISTRO DAS FINANÇAS

A ORDEM E O CREDITO — UMA PORTARIA SOBRE A FUNDAÇÃO DOS BANCOS

Trabalhar-se-ha nalgum emprestimo?

Na nossa *Nota Financeira*, ontem inaugurada, com que, em comentario diario, iremos completando o que a luta de uma extensa materia com um avaro espaço nos não deixa expôr na semanal *cronica*, diziamos nós referindo-nos á lisongeira situação cambial que sucedeu á fixação:

O cambio é fenomeno demasiado complexo para tão simplice docilidade se obter (só pelo esforço dos banqueiros). Temos de entrar em linha de conta com o que o Estado recebeu, etc., temos de entrar em linha de conta com o facto de não se ter aumentado a inflacção fiduciaria na vigencia do actual governo, temos de entrar em linha de conta com muitos outros infinitamente-pequenos que seria longo enumerar...

Isto mesmo confirmava, corroborava e reconhecia s. ex.ª o sr. ministro das finanças falando com o *Diario de Lisboa*, no dia 11 do corrente:

Não ha uma medida, uma solução, ha, pelo contrario, um conjunto de medidas.

Quem assim fala conhece e reconhece a complexidade do problema. Não é com coeficientes de tributação, como não é com degoles de funcionarios que se salva o país.

E' adoptando e saboreando mesmo aquela receita da sabedoria da nação francesa: *usai de tudo e não abuseis de nada.*

* * *

Mostra s. ex.ª o sr. Peres Trancoso entender quão indispensavel é—quanto mais não fosse pela repercussão moral—a compressão. *Os abonos, gratificações, vão ser extintos, disso devendo resultar uma economia de milhares de contos. Todas as despesas em ouro que possam ser dispensadas, suspender-se-hão.*

O actual titular da pasta das Finanças não há duvida que é dos que provam as palavras pelos actos.

Sempre estivemos convencidos de que os nossos dois males, causas dêste mal-estar, se reduzam a isto: 1.º O mal-estar politico, o embate das correntes, as multiplas «frentes» que são afinal as mil cabeças da hidra, tudo isso é reductivel a um caso de politica; 2.º o da nossa angustia economica e financeira,—todo ella se exprime na necessidade de um homem com simples bom senso.

Os homens que chegam com os punhos da camisa cheios de calculos integrais, geralmente citados na soma com mil planos complicados ou agressivos, tem-se visto que irritam o país e, o que é peor, irritam o cambio.

Este homem, que se apresenta com um programa em quatro palavras: *meus senhores, vamos trabalhar,* se o deixarem trabalhar, está-se já a vêr que trabalha e é capaz de resolver o que só espera por bom senso.

* * *

Em breve será publicado um decreto actualizando as pautas, o que interessa fundamentalmente ao comercio exportador e á celebração dos futuros tratados de comercio.

Basta ler com mediana atenção e mesmo sem lentes esta promessa do sr. ministro das Finanças, para se verificar e nos convencermos de que êsse proposito assenta num criterio proteccionista.

O nosso comercio e a nossa indústria só podem exultar.

Pois já ouvimos gente do comercio lamentar-se, arripiada de susto pelo que *virá aí.*

E' a onda de péssimismo que céga tudo e todos.

Seja-nos permitido preguntar a s. ex.ª o sr. ministro: e a importação necessaria não será aliviada do gravame actual? E' claro que os tratados de comercio hão-de remediar muito esse mal, mas não deixaria de ser conveniente ir desde já cortando um pouco a certas severidades aduaneiras excessivas.

«Vão-se publicar ainda diplomas que obrigam ao pagamento dos direitos em oiro e á cadastração de toda a propriedade. Nesse grande trabalho, serão empregados os funcionarios adidos aos diversos ministerios, aqueles que se possam dispensar das repartições, e ainda os oficiais do exercito que não tenham aplicação. Essa reforma do cadastro deve elevar, á sua justa medida, a contribuição rustica e urbana. Há outras medidas ainda . . . Estas são as principais».

Os direitos em ouro? Totalmente?

Quanto a cadastrar de novo a propriedade foi um sonho que o sr. dr. Afonso Costa viu ruir, na mais amargas das falencias.

Isto de para se cobrar três escudos ser necessario gastar nove escudos, não parece lá muito pratico. A ideia de s. ex.ª o sr. Peres Trancoso de empregar nesse serviço os adidos, os oficiais do exercito disponiveis embaratecerá o dispendio a fazer o bastante para o tornar realizavel?

Não afirmamos.

* * *

A crise é de desconfiança, de sobressalto, de nervosismo—afirma o sr. Peres Trancoso.

E' por isso mesmo é que o credito e a melhoria cambial são em certa medida função da ordem publica.

* * *

«Existe, alêm disso, uma crise economica, caracterizada por um inaproveitamento dos recursos tanto continentais como coloniais do país, que tem como resultante a crise financeira. Esta, em grande parte, ainda se deve a abusos e frouxidão na economização dos dinheiros publicos. Mas o governo não descuida este pormenor importante do nosso grande problema nacional e está a organizar, pelas varias pastas, um plano de fomento».

Assim, sim. Dinheiro para obras de fomento, para empregar remuneradoramente levanta-se no estrangeiro.

E até talvez dentro do país, desde que o governo acredite o seu programa.

Atender apenas á crise financeira e supor combate-la sem olhar para o problema economico, é combater sintomas e deixar ficar a molestia. Torna-se, pois, mister traçar um largo plano de realizações economicas, e para um largo plano, como esse, não ha como a extensão do nosso dominio colonial, que resolveria todo o problema nacional.

* * *

O jornalista preguntou ao sr. ministro das finanças:

—A politica de valorização da moeda, preconizada pelo sr. Vicente Ferreira, vosso antecessor nesta pasta, é perfilhada por v. ex.ª?

E s. ex.ª respondeu:

—Sim, senhor. Em absoluto. E' preciso valorizar a moeda ao ponto de ela atingir uma divisa de equilibrio, derivada do equilibrio da balança comercial. Nesse momento, poderemos pensar numa operação de grande envergadura, que nos conduza, definitivamente, ao desafogo financeiro.

Salvo o devido respeito, isso não é a politica da valorização da moeda, no sentido directo e exclusivo em que parecia toma-la o lealissimo ministro das finanças do gabinete Granjo, o sr. Vicente Ferreira, a cujo caracter temos muita satisfação em prestar aqu homenagem.

Com a resposta do sr. Trancoso concordamos porque é o contrario: *equilibrar a balança comercial, para equilibrar a divisa* e pensar, então, em operações externas.

E' o contrario do que reputamos torto; portanto, é ás direitas.

* * *

—Sr. ministro, uma ultima pregunta: a ter de lançar mão de recursos imediatos, de que se utiliza? Do aumento da circulação fiduciaria ou do emprestimo?—volve o redactor do *Diario de Lisboa.*

O sr. Peres Trancoso retorquiu com a maior energia:

—Emquanto eu aquí estiver, a circulação fiduciaria não será aumentada num real, sequer!

Um silencio é muita vez a mais eloquente das respostas.

Preguntamos nós agora: trabalhar-se-ha em algum emprestimo externo?...

Mundanismo

Aniversarios

Fazem ámanhã anos as senhoras:

Condessa de Carcavelos, D. Maria do Pilar da Cunha Pimentel Homem de Melo, D. Maria Candida Teixeira Tameirão (Valado), D. Catarina de Melo e Castro de Vilhena, D. Luísa de Sommer Alzina e D. Pilar Fernanda da Silva;

e os srs.:

Alvaro de Morais de Carvalho, Henrique Teles Pereira de Passos e Manuel Ferreira dos Santos.

—Fez anos ontem o sr. dr. Luís de Medeiros Antunes.

Concertos elegantes

No Politeama

A tarde de amanhã neste elegante teatro vai ficar marcada a letras de oiro, visto que se realiza o segundo concerto de assinatura da Grande Orquestra Sinfonica Portuguesa, sob a regencia do brilhante maestro Fernandes Fão, para o qual organizou um extraordinario programa, composto da seguinte forma:

1.ª parte—Abertura do «Rói d'Ys», Lalo; «Tristão e Isolda» (morte de Isolda), Wagner; «Depois do verão», orquestra de arco, Florent Schmitt; «Preludios», poema sinfonico, Liszt.

2.ª parte—«Sinfonia patetica» (6.ª), para audição nestes concertos: a) Adagio, Allegro non tropp, Andoule, Allegro vivo, b) Allegro von Grazia, c) Allegro nolto vivace, d) Adagio lamentoso, Tschaikorosky.

3.ª parte—«Serenata italiana», 1.ª audição em Portugal, Wolf; «Minueto», Oscar da Silva; Abertura do «Tannhauser», Wagner».

Pontos de reunião

No Politeama

Ontem, ainda se confirmou mais o extraordinario exito alcançado pela notavel actriz D. Lucilia Simões, na encantadora peça de Oscar Wilde «Uma mulher sem importancia». A linda sala do Politeama tinha outra enchente, vendo-se aí reunido grande numero de senhoras da nossa aristocracia, que manifestaram ao grande astro da scena portuguesa o grande apreço em que é tido o seu incontestavel talento artistico.

Na assistencia recorda-nos ter visto, entre outras, as senhoras:

Condessas de Alferrarede e de Vill'Alva, D. Luisa de Vasconcelos Cabral, D. Elvira Jára de Albuquerque de Orey, D. Maria das Mercês Bianchi Plantier, D. Maria de Antas de Oliveira Reis, madame Ramires dos Reis, D. Hersilia dos Santos e filha D. Branca; D. Ilda dos Santos David, D. Palmira Lucas Torres, D. Ernestina Soares de Albergaria Olavo, D. Vera Bettencourt Olavo, D. Maria Alves de Carvalho e filha D. Maria Carlota; D. Emilia Leça da Veiga Pinto Coelho, madame Ruy de Orey, madame Pinheiro Chagas, D. Amelia Lucas Torres Farinha, D. Luisa de Sá Pais do Amaral (Anadia), madame Vasco d'Orey, D. Maria Carolina Alves de Carvalho Pereira de Melo, madame Casimiro Teles Guedes, madame Calem e filhas, D. Maria Peixoto e Cunha, D. Maria Domingas Pinto Coelho, D. Francisca de Noronha (Paraty), mesdemoiselles Castro e Silva etc. etc.

Agenda

A nossa «elite» dará «rendez-vous» ámanhã de tarde no esplendido concerto do Politeama e depois de ámanhã de tarde na «matinée» do Salão Central, onde se estreia a segunda jornada da magistral pelicula «Madame Dubarry» e á noite na recita da moda do Coliseu dos Recreios.

Em viagem

Da sua casa em Coimbra regressou a Lisboa a senhora D. Maria de Sande Aires de Campos (Ameal).

—Regressam ámanhã no rapido, á sua casa em Buarcos, a senhora D. Maria Raquel de Queiroz Medeiros e seu marido o sr. dr. Eduardo de Medeiros.

—Regressou da praia da Granja o sr. visconde do Torrão.

—No Porto encontra-se o sr. conde de Calheiros.

—Acompanhado de sua esposa a senhora D. Maria Amelia Aires de Campos de Barros Menezes Moreira, regressou a Lisboa, o distinto alferes de artilharia sr. Francisco de Menezes Moreira.

POLITEAMA

Telef. C. 1028 Empresa LUIZ PEREIRA

Companhia LUCILIA SIMÕES sob a direcção de LUCINDA SIMÕES

ÁS 21,15

3.ª representação da peça em 4 actos de OSCAR WILDE, tradução de Alice Lawrence

Uma mulher sem importancia

GRANDE SUCESSO DE ONTEM

LUCÍLIA SIMÕES no principal papel feminino

Enscenação de Lucinda Simões

Orquestra Sinfonica de Lisboa

Domingo, 20—2.º concerto de assinatura, sob a regencia do MAESTRO FERNANDES FÃO. — Bilhetes á venda.

Eden Teatro

Empresa H. Barreiros, Lt.ª

Companhia Nascimento Fernandes

2 sessões—A's 8,30 e 10,30—2 sessões

ESTREIA DOS NUMEROS NOVOS

A Maricotas, por Adelina Fernandes; Falta tudo, por Augusto Costa; O Maxixe, por Elisa Santos e José Morais em recita dos autores da mais querida das revistas

PAU DE DOIS BICOS

Henrique Roldão e Roberto Sales e dos maestros Wenceslau Pinto e Raul Portela

PREÇOS POPULARES

Camarotes, 7$50; fauteuils, 1$70; promenoir, $30. Continua a distribuição de senhas para o famoso FATO DE GRAÇA.

EPISTOLARIO

UMA CARTA QUE O GRANDE PINTOR VIEIRA LUZITANO ESCREVEU DE ROMA A UM DESCONHECIDO

sobre a sua vida artistica, os seus progressos, as suas esperanças

Francisco Vieira de Matos, (1699-1783), mais conhecido no mundo da arte por *Vieira Lusitano* (como de resto ele proprio assinava) — foi um dos maiores pintores do seu tempo, e o maior de Portugal no seculo XVIII. Temperamento sentimental e impressionavel, logo a sua meninice foi ocupada por duas grandes paixões — a arte e o amor, este inspirado por D. Inês Helena de Lima e Melo, que conheceu quando seus pais o apresentaram na quinta da Boa-Vista, a-par do convento da Luz; a arte, no empenho com que enchia de desenhos quanto papel lhe vinha á mão, e até a cal das paredes, como ele proprio refere:

O progenitor Vieira
Disse, que eximido apenas
Ele se achava do berço,
Não lhe escapava parede
Já do carvão para emprego,
Mil fantasias, mil coisas
Riscando, que ao pensamento
Parecia que impossivel
Pudessem ir-lhe ocorrendo;
Mas que naqueles certames
Nas escolas consuetos
Já superava os seus socios
Ganhando infinitos premios
Pois as materias ornava
De modo, que encantamento
Era em edade tão tenra
O ver tão activo engenho;
De cercaduras ornadas
Todos de lindos brutescos,
Com mariposas, com flores,
Com mil bichinhos diversos;
E que passar não deixava
Nem saloia nem carreiro
Que os não retratasse á pena
Com seus bois, com seus jumentos;
Que de armas brancas armados
Debuxára uns cavaleiros
Só por uma vez ter visto
De San Jorge o escudeiro.

Quando o marquês de Abrantes (e mais tarde de Fontes) foi escolhido para a embaixada de Roma, levou consigo o moço artista para o aperfeiçoar na pintura; ali esteve sete anos (1712-1719) trabalhando para o marquês, «continuando os estudos na Academia, visitando igrejas e galerias, e praticando com os pintores que já conhecia, e outros de merecimento» — como ele escreve na interessante carta que o leitor vai ter o prazer de saborear.

Reentrando na patria, não extinto, antes mais ateado, o amor pela sua Inês, tratou Francisco Vieira do casamento, ao que se opunha a familia dela, dada a condição humilde do artista.

Começa o romance. Meteram a pequena num convento, o de Santana, e obrigaram-na a tomar o véu, professando sob o nome de Sóror Inês Helena da Apresentação. Bem protestou ela que era casada á face do altar; tudo pura perda. O desolado marido multiplicava-se junto de toda a gente de influencia para conseguir que ela saísse: inutilmente. Então deliberou ir a Roma, dirigir-se a fonte limpa—ao Papa. Em 5 anos que lá esteve, apenas a arte ganhou.

Voltou a Portugal, desesperançado. Desesperançado, não: lançou mão do ultimo recurso—o rapto de Inês. Vestida de homem, vingou sair da clausura, passando em frente da propria abadessa, que a não reconheceu nesse preparo. Emfim! O leitor que fantasie o que seriam as primeiras horas daquele ditoso par...

Surge uma nuvem negra. O irmão de Inês jura liquidar o cunhado, e, esperando-o quando saía de casa, ali á rua das Pretas, prega-lhe um tiro, que o levou á cama por algum tempo. Restabelecido, vai ter com D. João V, a quem pede justiça; outro valor, porém, mais alto se levanta; o rei faz ouvidos de mercador, e o frustre assassino consegue pôr-se a salvo para Espanha. Mas quiz o destino que ele, passados anos, caísse na miseria e viesse esmolar o pão da sua victima...

Vieira, já no declinar da vida e moído de saudades, conta, num longo poema em quadras, intitulado *O insigne Pintor e lial Esposo* (Lisboa, 1780), esta cadeia de aventuras. Dêste poema tiramos a gravura que esmalta esta pagina, auto-retrato do pintor, coroado de ciprestes e segurando a imagem da sua amada.

Francisco Vieira Luzitano e sua noiva D. Inês Helena de Lima

Chamando-se «insigne», por acaso acertava; mas já se vê que o seu forte não era a modestia. Mas não vemos nós os escritores, artistas e impressores notaveis dos seculos XV e XVI decorar-se com o qualificativo de insignes, eximios e ilustres varões?

Acordam quasi todos os historiadores literarios em que êste poema é insulso e fastidioso. Será. Vieira não é realmente um poeta; mas tambem não é por essa faceta que o encaro. E' que mesmo a escrever se denuncia o pintor, pela verdade das descrições, tão representativas da vida e costumes do tempo.

Vieira Lusitano esteve algum tempo no convento dos Paulistas, onde deixou trabalhos notaveis; depois projectou nova viagem a Roma, em 1733, mas não passou de Sevilha, porque D. João V o mandou regressar. Chegado a Lisboa, foi nomeado pintor do Rei, que andava a enterrar em Mafra os milhões do Brasil que a Inglaterra não comia. Para lá foi o pintor, e lá perdeu a esposa. Desgostoso, abandonou os pinceis e foi viver para o Beato. Ali morreu em 1783, com 84 anos de idade.

Francisco Vieira Lusitano foi simultaneamente pintor (de quadro e a fresco) desenhador, gravador e poeta. Muitas das suas melhores paginas abismaram-se no grande terremoto. Outras estão dispersas por museus, igrejas e colecções particulares.

Não sei a quem foi dirigida esta carta. O marquês a quem se refere, tambem não sei quem é. O de Abrantes não me parece, já porque Vieira o conhecia quando foi para Roma, já porque essas linhas não são dum rapaz de treze anos, idade em que o artista para lá foi pela 1.ª vez. A carta deve atribuir-se á 2.ª estada de Vieira na cidade eterna. A Academia de que fala é a celebre de S. Lucas, de que nessa 2.ª residencia fôra Vieira Lusitano feito academico de Merito, pois que, como ele diz com aquela modestia já conhecida nossa:

...... dentro em Roma
Seu nome já não cabendo
Se espalhou por toda Italia.
Em toda foi bem aceito,
Tambem assim noutras Cortes
Das mais polidas souberam
Tanto aplaudir obras suas, etç.

De resto, o Marquês saíra de Roma em começos de 1718.

Seria um fidalgo português na côrte pontificia, ou algum nobre romano, quem tão amavelmente acolheu o nosso pintor?

Meu Senhor e Amigo

Muyto me obrigavaõ com V. E.ª os beneficios q. ja lhe devia; muyto mais me obriga este ultimo, q. não posso nem devo esquecer.

No fim do mes passado (em 28, se não erro) me apprezentey em caza do S.r Marquez, q. me recebeu com huma cortezia, e benevolencia, q. eu não meresia, e q. só á generoza recomendaçaõ de V. E.ª devo atribuir. Logo me levou á prezença da S.ra Marqueza, M.ª S.ra, e ambos me encheraõ de perguntas sobre os meus adiantamt.os na Arte da Pintura, e se me dava bem em Roma. Ali lhes respondi quanto á primeyra parte, q. hia obrando o q. podia, segundo as m.as poucas forças, continuando os Estudos na Academia, vezitando Igrejas, e Galerias, e praticando sempre q. p.ª tal tinha ensejo com os Pintores, q. já conhecia da 1.ª vez q. aqui assesti, e outros de meresimt.º cuja conversaçaõ podia alcançar.

Logo o S.r Marquez me demonstrou dezejos de q. o retratasse, e á S.ra Marqueza, e eu confuzo de tamanha honra so pude responder q. os meus pinseis estávaõ ao dispor de ambos; e perguntado quando comesaria, prontam.te respondi q. quando assim o houvessem por bem, porq. logo eu o aprovaria.

Não se falou do preço porq. seria pago o meu trabalho, porq. o deyxo á generoza muneficencia de pessoas de tanta qoalid.e e entendimento como estas de q.m trato.

O cazo he q. já comesei o retr.º da S.ra Marqueza, e ainda em pouco mais q. esboço agradalhe ja grandem.te

Honte fuy convidado a assestir a uma funçaõ de regozijo pelos annos da Sobr.ª dos S.res Marquezes. Fizeraõ-se ouvir muy destintos muzicos e cantores, as Sallas e Jardins muy bem iluminados, e foi servido grande numero de refrescos. Em fim, meo Illustre e E.mo Amigo, huma funçaõ como só numa caza q. eu sey em Bemfica poderia achar igual...

Quanto ao q. pergunta e sabe pouco mais tenho adiantado, vivendo a penas de esperanças.

Naõ enfado mais V. E.ª se naõ p.ª lhe dizer q. naõ sofre mais delongas o meo desejo em agradecerlhe tudo q.to devo, e aqui fico ás suas ordens como

De Vossa E.ª
Amigo e obzequiosissimo servo m.to grato

Fran.co Vieira Lusitano

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

A canção da morte

Era um muro de quinta muito branco, muito suave que seguia a estrada durante algum tempo. Havia arvores que o tempo vencera e destroçara; malmequeres de corolas brancas; depois, um portão pintado a verde, que nunca ninguem abrira. Ao entardecer, nos crepusculos molhados de sombra quando as arvores se afilavam numa infinita oração e todo o campo se encapuchava de treva, ouvia-se um canto que por detraz do muro escondido, soluçava uma canção.

Era uma toada de infancia, princesa de balada, que ao peitoril dum balcão medieval, visse passar cavaleiros cobertos de ferro; reis barbaros de tunicas roçagantes; trovadores que, em descantes de lua cheia, iam em demanda dos países onde a primavera é eterna e o ceu azul, tão azul, como os teus olhos, meu amor.

Aquilo era muito triste, a alma prendia-se em cada nota, saudosa, lirica, romantica, tão funda de paixão que nas frondes das arvores os rouxinois punham-se a murmurar daquela dôr mais alta que a sua. Nunca ninguem soube quem cantava assim. Era uma mulher, era, sim.

Ora, uma noite fosforescente de estrelas, quente de primavera, em que as flôres despertavam para a vida e para o luar, e em que as estradas eram rios de veludo palido, certo viandante que ia passando notou que no muro branco e suave caminhava, vestida de luz, braços crucificados sobre o peito, um vulto de mulher. A figura precisou-se. Em seus cabelos de oiro o luar pôz petalas de rosas; em seus olhos os cardos, uma côr roxa e macerada; no seu rosto a sombra cavou linhas de virgem já amortalhada para a morte. E a figura caminhava na unção do luar, tão doce como o seu sorriso, meu amôr. Depois, depois um canto lancinante, tragico, em que uma paixão humilde, desesperada, se entreguva a Deus para todo o sempre. Um olhar... e a figura precipitou-se do muro, caiu na levada que resfulgava perto, e qual Santa Iria, branca e loira, virgem mulher, lá foi boiando, boiando...

Jorge Vaz

As proximas eleições

Os candidatos do P. R. P. do circulo de Setubal

Reunem ámanhã, pelas 14 horas, as comissões politicas do Partido Republicano Português em Setubal, a fim de procederem á escolha dos candidatos a deputados a eleger pela maioria do circulo.

Corpo de Marinheiros

Deixou o cargo de 1.° comandante o almirante Sousa Bandeira

Por ter sido julgado incapsz de serviço pela junta de saude naval, deixou o cargo de 1.° comandante do corpo de marinheiros, o almirante sr. Sousa Bandeira.

Visconde de Santo Tirso

MISSA

Rezou-se hoje na paroquial igreja da Encarnação uma missa sufragando a alma do sr. visconde de Santo Tirso mandada dizer por sua desolada viuva e filhos.

Ao piedoso acto assistiram, além da senhora viscondessa de Santo Tirso e suas filhas, grande numero de parentes e amigos do ilustre extinto.

O sr. dr. Joaquim Manso e o *Diario de Lisboa* fizeram-se representar pelo nosso camarada sr. Carlos de Vasconcelos e Sá.

COISAS DE INSTRUÇÃO

UM DISCUTIDO DECRETO DE REFORMA DE ENSINO SECUNDARIO

Os exames de admissão ás Faculdades

O sr. dr. Lacerda de Almeida, ministro da Instrução do gabinete Manuel Maria Coelho, explica ao "Diario de Lisboa" as razões que o levaram a redigir aquele diploma

O sr. dr. Lacerda de Almeida, quando ministro da Instrução do gabinete do sr. Manuel Maria Coelho, redigiu um decreto que está sendo estudado por uma comissão de professores de instrução secundaria, que estabelecia o exame de admissão ás Faculdades.

O *Diario de Lisboa* entrevistou o sr. dr. Lacerda de Almeida que lhe expoz o seu ponto de vista da seguinte forma:

—Em igualdade de circunstancias podiam concorrer a esses exames os diplomados pelos liceus, os alunos dos colegios e aqueles que tivessem feito ou completado a sua educação secundaria autodidacticamente ou por preceptores.

—O que tinha v. ex.ª em vista?

—Estavam bem fundamentados pelos considerandos, sobre razões pedagogicas; em sintese, tinha em vista acabar com o regime de verdadeiro monopolio do Estado para com o ensino secundario e aproveitar os efeitos beneficos da concorrencia entre o ensino particular e entre este e o ensino oficial.

—V. ex.ª considera o plano de ensino secundario por classes, falido?

—Sem duvida. Não sou só eu que assim o entendo, é toda a gente. Este plano exigiria da parte dos professores das varias classes uma coordenação absolutamente impossivel de obter nos quadros oficiais.

—Entende V. Ex.ª que o fracasso do plano de ensino secundario é devido directamente ao professor?

—Certamente que o professor não é bom. O meio que se lhe deu era pessimo e é a melhorá-lo que visa o meu diploma. O professor torna-se, sem nenhuma especie de estimulo, sem nenhum receio de concorrencia, um funcionario como quaqluer outro, a tanto á hora. O plano de 95 estabeleceu-se com o monopolio do ensino oficial; conquistou o ensino particular. O ensino oficial nunca fôra bom, mas o ensino particular era superior porque era servido por professores que tinham posto na sua profissão muita independencia e muito carinho.

—O ensino particular actualmente é servido por bons professores?

—Evidentemente, não. Devido, como disse, á sua inteira dependencia do professor oficial que examina. E' preciso crear o meio proficuo para que o professor apareça e se aperfeiçôe. Como consequencia deste decreto, aumentariam os colégios, o capital para isso apareceria com a garantia de uma boa colocação e formar-se-iam professores—os melhores, eliminando os peores. E' a lei da concorrencia, é a luta pela vida.

—Não seria perigoso para o ensino medio geral os exames de entrada nas Faculdades que seriam especialisados?

—No decreto não se estabelecem programas, mas comissões mixtas de professores nas Faculdades para respectivamente os estabelecerem. Estas comissões de pessoas competentes debateriam o assunto e pelo menos, em certa medida, não deixariam esquecer as generalidades.

—Mas não se poderia directamente melhorar a formação dos futuros professores nas nossas universidades?

—Como? Escolas com belos programas, ha. Burocraticamente pode acreditar que é perfeito o maquinismo em que se fabríca um professor oficial. Praticamente é o que se vê. De resto, mesmo que á saida da Escola Normal Superior o novo professor fosse bom, depressa se estragaria á sombra comoda de um horario de que só tinha que apresentar contas, garantido vitaliciamente, com os seus vencimentos. Temos que legislar para homens e não para titeres.

—Mas haverá relutancia dos professores do liceu em aceitarem esse diploma?

—E' possivel. Ha, de alguns pelo menos, mas infundadas. Eles, por exemplo, teriam a vantagem que lhes é dada no artigo 10 do decreto, de exercerem o ensino particular, o que seria imoral se não se estabelecesse a clausula da independencia do ensino particular perante o ensino secundario oficial.

—Não terá o decreto o inconveniente de diminuir a frequencia dos liceus?

—Seria simplesmente salutar. Porque perante esse perigo os professores tratariam de ensinar melhor para terem alunos e justificar a sua existencia. E, por outro lado, se o ensino particular bastasse para o país, seria menos um encargo moral e material para o Estado. Em todo o caso, sempre algumas economias trará ao Estado que não terá de aumentar, pelo menos, o numero de liceus actuais como de contrario teria que suceder

—Aceitarão os alunos dos liceus de bom grado os exames? Não se porão em greve?

—Os alunos dos liceus verão nestes exames um tribunal de segunda instancia para que poderão apelar e isto já é alguma coisa. Devo dizer ainda que este decreto foi bem pensado; muitos argumentos ainda teria a expôr. Houve quem dissesse ao comentar o decreto que o mandou suspender que teria sido feito de animo leve. Eu é que direi que muita pressa houve em suspender um diploma cujos efeitos só daqui a um ano se sentiriam.

LÊR SEGUNDA-FEIRA:

Um documento para a historia do Teatro Português

Requerimento que o comico Manuel Rodrigues Lopes, do teatro da Rua dos Condes, fez ao arcebispo de Lacedemonia, Vigario Geral de Lisboa, queixando-se de que o Prior da sua freguesia o não quiz confessar por exercer profissão pecaminosa.

Sociedade Nacional de Belas Artes

Não tendo terminado a discussão dós assuntos em debate na ultima assembleia geral, reune-se hoje novamente para tratar da *ordem da noite* que é subordinada ao pedido de demissão da Direcção e propostas para admissão de novos socios.

Os Teatros

ATRAZ DO REPOSTEIRO

Além dos livros de memorias de artistas dramaticos que vão ser publicados e de quem demos já os nomes, anuncia-se mais um, o de Carlos Leal, que é o segundo da autoria deste actor, que vem á luz da publicidade.

—A companhia Nascimento Fernandes que funciona no Eden Teatro, vai, brevemente, levar em «reprise» a revista «Tic-Tac», aumentada de quadros novos.

—E' na proxima terça-feira que a companhia Rey Colaço-Robles Monteiro leva á scena, no teatro de S. Carlos, para reaparição da talentosa actriz Angela Pinto, a peça «O regresso», de Flers e Croisset, tradução de Lino Ferreira, a qual tem a seguinte distribuição: «Colette», Amelia Rey Colaço; «M.me Tourrare»; Angela Pinto; «Berta», Judite Silva; «Jacques», Robles Monteiro; «Baltazar», Henrique Alves; «Manuel», Raul Carvalho; «João», Tomé da Veiga; «Dourlan», José Alves; «Dumont», Narcizo Vaz; «Prangin», Rui Metelo, e «D'Esteuill», Octavio Bramão.

—Informam-nos que a direcção artistica do teatro Nacional trabalha para que se cumpra durante esta epoca todo o programa teatral que foi publicado quando da abertura do teatro e que mereceu a aprovação das entidades oficiais.

—O romance «A engeitada» de Camilo Castelo Branco será editado pela «Invicta Film» antes de qualquer outra.

—No Salão Foz vai ser construida uma bilheteira suplementar por ser insuficiente a que existe, quando, como agora, a afluencia de publico é grande.

—A bordo do Trás-os-Montes» deve regressar a Lisboa, vinda do Brasil, a actriz Cremilda de Oliveira.

—Reuniu ontem em casa da actriz Ana Pereira uma junta de medicos, da qual faz parte seu sobrinho, o sr. dr. Edmundo Pereira, ante ontem chegado do Brasil.

Pelo exame demorado e minucioso feito á doente verificaram os três clinicos que compunham a referida junta que Ana Pereira não se acha ainda em estado desesperado. O coração funciona regularmente, preocupando a sciencia a afecção renal de que sofre.

—E' quarta feira que no teatro Nacional sobe á scena a peça de Pierre Frondaie intitulada «La maison Cernée» traduzida pelo brilhante jornalista José Sarmento, com o titulo «Casa Cercada».

—O autor do «Entre Giestas», que se encontra na Beira, Africa Oriental, está concluindo uma peça dramatica, genero ibseneano. A figura principal é um tuberculoso.

—Dois capitalistas setubalenses acabam de adquirir o teatro Luisa Todi, daquela cidade, no intuito de ali exibirem as nossas melhores companhias, destinando os lucros da exploração a favor de instituições de caridade de Setubal, cuja situação financeira é bastante precaria

—Brevemente deve estrear-se em um dos salões cinematograficos da capital uma extraordinaria fita em series, editada por uma casa alemã.

—A primeira representação do novo original de Vitoriano Braga, intitulada «Conselho da noite» deve subir á scena no Chiado Terrasse por toda a semana que vem.

RECLAMES

S. Carlos—O ponto de reunião dos apreciadores da arte dramatica está sendo na magnifica peça «Entre giestas».

Nacional—O publico continua, prestando o devido apreço aos esplendidos espectaculos do drama historico «D. Afonso VI».

Apolo—Todo o trabalho de Henriques Alves, no «Gato por lebre», era belo, mas o que ele tem agora no quadro novo é tudo quanto pode fazer de melhor.

Avenida—Qual é o melhor espectaculo de Lisboa? —E' a opereta »Uma viagem á China».

Politeama—Representa-se hoje, pela terceira vez, a interessantissima peça «Uma mulher sem importancia», de Oscar Wilde.

Apolo—E' hoje a recita dos autores e dos maestros da revista «Pau de dois bicos».

Coliseu dos Recreios—A rua de Santo Antão é pequena para conter a enorme multidão, ávida de admirar os trabalhos da grande companhia de circo.

Chiado Terrasse—Magnifico espectaculo o que nos dá o magistral trabalho de Luz Veloso na «Migalha».

Salão Foz—O mais concorrido dos teatros continua sendo este, que tem em scena o «Bichinha gata...», que hoje se repete.

CARTAZ

S. Carlos — A's 21 — «Entre giestas».
Nacional — A's 21 — «D. Afonso VI».
S. Luis — A's 21 — «Duqueza do Bal-Tabarin».
Politeama—A's 21,15—«Uma mulher sem importancia».
Avenida — A's 21,15— «Uma viagem á China».
Apolo — A's 21,15 — «Gato por Lebre».
Chiado Terrasse — A's 21—«A migalha».
Eden-Teatro — A's 20,30 e 22,30 — «Pau de dois bicos».
Salão Foz — A's 20,30 e 22,30—«Bichinha Gata...»
Coliseu dos Recreios — A's 21,45 — Grande companhia de circo.
Gil Vicente (á Graça) — Aos domingos, segundas e quintas feiras — «A dama das Camelias».
Teatro dos Anjos — A's 21,30 — Quintas, sabados e domingos — «O homem macaco».

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).

"DIARIO DE LISBOA"
Vende-se na linha de Cascais, nas estações de Parede e Estoril.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONIÇAS E ENTREVISTAS

UM INCIDENTE TEATRAL

EDUARDO FREITAS

É ELIMINADO DO ELENCO DO

TEATRO NACIONAL

Um oficio do comissario do governo, sr. Santos Tavares, e um despacho do administrador daquele teatro, sr. Luís Galhardo

A SECÇÃO TEATRAL DO "DIARIO DE LISBOA"

Foi ontem, após o espectaculo, afixado na «tabela» do teatro Nacional, um oficio do comissario do governo junto deste teatro, sr. Francisco Santos Tavares, e um despacho do administrador, sr. Luís Galhardo, referentes á eliminação do elenco da companhia do actor sr. Eduardo de Freitas.

Como nos dois documentos ha referencias ao *Diario de Lisboa*, damos-lhes em seguida publicidade:

Ex.mo senhor Administrador da Sociedade Artistica: — *O jornal «Diario de Lisboa» inseriu ha dias duas noticias com as quais pretendia lançar a intriga e a desconfiança nas relações existentes entre essa Administração, a digno cargo de v. ex.ª, e os elementos artisticos que compôem não só o quadro normal dos societarios, como tambem o dos contratados, lançando assim desprestigio sobre este teatro.*

Quando, surpreendido com tais noticias, que desde logo reputei malevolas, estava para me dirigir a v. ex.ª, a fim de tomar as medidas que o caso reclamava, depreendi da replica inserta num outro jornal, «A Manhã», que a pessoa entretida na sua invenção e publicação é o actor escriturado sr. Eduardo de Freitas, o que, aliás, o proprio «Diario de Lisboa» vem declarar tambem.

Não sei, perante estes factos, qual a atitude que v. ex.ª julga mais harmonica com as exigencias da disciplina que uma casa de espectaculos com as responsabilidades desta deve fazer por manter, mas permita-me ponderar-lhe, que é opinião minha que ao sr. Freitas, actor de recursos artisticos humildes, deverá rescindir-se-lhe o contrato, com o que o actual elenco não sofrerá perda.

O que se não pode permitir é que, mercê de uma tolerancia que toca na aparencia as raias da fraqueza, o teatro nacional possa ser iucessantemente alvo das mais injustificadas diatribes, que encontram quasi sempre intuitos pouco correctos, ainda que essas campanhas tendem dar a ilusão de eriticu de arte, e não se podem permitir principalmente quando, como agora, a malevolencia, a falsidade e a incorrecção partem de um dos elementos componentes do seu elenco cuja estatura artistica é mais insignificante ainda que a sua estatura fisica.

Rogo, pois, a v. ex.ª se sirva dizer-me, com a urgencia que o caso requere, o que, sobre o exposto, se lhe oferecer, na certeza de que qualquer que seja o procedimento a tomar, desde que ele venha em defesa da disciplina, v. ex.ª ter-me-ha incondicionalmente a seu lado.

Lisboa, 17 de novembro de 1921.
Saude e fraternidade.

O comissario do governo
(a) Santos Tavares.

Em vista do exposto neste oficio, o abaixo assinado, administrador deste teatro, limita-se, como é do seu dever, a acatar a opinião do ex.mo senhor comissario do governo, dispensando os serviços do actor sr. Eduardo de Freitas nesta companhia.

Acresce, o que já em nada pode concorrer para tal deliberação, que o referido artista se declarou autor, não só das noticias a que o mesmo sr. comissario se refere, como de todas as outras respeitantes ao teatro Nacional, que desde algum tempo teem sido publicadas no «Diario de Lisboa», entre elas as que diziam respeito á actriz societaria sr.ª D. Ilda Stichini, as quais tiveram de ser desmentidas em nota oficiosa da administração.

E' com o maior desgosto que o signatario regista este lamentavel facto, talvez unico na vida interna e na disciplina dos nossos teatros.

Lisboa, 18 de Novembro de 1921.

O administrador
a) *Luiz Galhardo.*

OS REVOLUCIONARIOS

O comicio de ámanhã

Uma manifestação de desagrado, para obrigar o sr. Maia Pinto a pedir a demissão?

Os revolucionarios dizem já ter um novo ministerio

Os *outubristas* pretendem levar a efeito, com o comicio de ámanhã, uma parada de forças que intimide o governo e os elementos politicos que lhes são contrarios, compelindo o primeiro a integrar-se no programa revolucionario ou a retirar-se do poder, e os segundos a interromper a acção de hostilidade por eles desenvolvida e a que tem dado vulto a consciencia nacional, revoltada com os sucessos trágicos da noite de 19 de Outubro. Assim, os *outubristas*, têm feito uma organização cuidada dessa assembleia, contando com avultada concorrencia e a presença de delegados de nucleos republicanos da provincia que lhes são afectos e que vêm a Lisboa no intuito de manifestar a sua adesão ao ultimo pronunciamento. Segundo as nossas informações, os promotores do comicio de ámanhã, chegaram a convidar elementos da C. G. T. e do Partido Comunista a usar da palavra, tendo, depois, abandonado tal proposito, por recearem o efeito que o facto produziria entre as classes conservadoras. A tribuna será, pois, ocupada apenas por republicanos, sendo provavel que o sr. dr. Orlando Marçal seja um dos oradores que produza declarações de caracter mais acentuadamente radical. A presidencia, deve ser ocupada por um velho republlcano, filiado no mais importante partido do regime, que para esse efeito já recebeu o respectivo convite. Para secretariar, indigita-se um juiz da comarca de Lisboa, que algum nome tem alcançado em politica. E' intenção dos *outubristas* evitar a mais ligeira alteração de ordem, o que não obsta a que estejam firmemente resolvidos a fazer cumprir o programa revolucionario, que consideram a base do ressurgimento do país.

A antipatia de uma parte consideravel dos revolucionarios pelo governo da presidencia do sr. coronel Maia Pinto, é evidente, acusando-o de fraqueza e pondo em duvida a competencia de grande numero dos seus colaboradores.

E' intuito por essa fracção revolucionaria publicamente manifestado, realizar, após o comicio, uma manifestação que, não sendo precisamente de desagrado, no emtanto constitua para o sr. Maia Pinto, uma indicação para apresentar ao sr. Presidente da Republica, a exoneração do ministerio da sua chefia. Um dos *outubristas* que mais se tem evidenciado nas sessões por eles ultimamente realizadas, e que tenciona usar da palavra no comicio de ámanhã, garantiu a um dos nossos *reporters* que já se encontra organizado um novo ministerio, que corresponde inteiramente aos desejos dos revolucionarios.

Nesse hipotetico ministerio, indicam-se nomes bem caracterizados pelo extremismo que, em varias conjunturas, hão manifestado.

Sabemos que o governo tenciona adoptar, ámanhã, especiais medidas de segurança, contando com uma consideravel parte da G. N. R., para manter a sua liberdade de acção e a independencia do venerando chefe do Estado. E' muito provavel que, dentro em breve, seja iniciada uma energica acção contra os elementos de agitação, quaisquer que eles sejam.

A SITUAÇÃO POLITICA

Os socialistas e o poder

O P. S. P., segundo um filiado de categoria, não participará, agora, do governo

A manutenção da ordem e a supremacia do poder civil

Os jornais da manhã noticiaram que o Partido Socialista havia entrado em negociações para uma aproximação do governo, contando destacar para a pasta do trabalho, interinamente ocupada pelo sr. Peres Trancoso, ministro das finanças, um dos seus filiados de maior categoria. Este informe causou uma certa extranheza nos meios politicos, que consideram pouco habil a *entente* que o sr. Maia Pinto, talvez no desejo de insuflar um pouco de vida ao seu debil ministerio, pretendia realizar com esse agrupamento partidario que representando desde Monsanto, uma garantia para o regimen, no emtanto não deixa de preconizar medidas revestidas de um extremismo que não se compadece com a actual estrutura da sociedade. No emtanto, tudo indicava que a noticia tinha um fundamento serio, a razão porque, no desejo de obtermos informes mais completos, procurámos, esta tarde, um elemento socialista que, pela situação especial que o seu passado politico lhe creou no P. S. P., devia saber, em todos os seus pormenores, o que se passava com o actual ministério. A resposta, que revestiu uma forma inesperada, veiu rapida:

—Não, senhor. Nada existe entre o P. S. P. e o governo. Admira-me bastante a publicação dessa noticia e não sei ao que corresponderá. . .

—Mas, então . . .

—Já lhe disse: admira-me bastante. Não sei, claro, se da parte do governo ha qualquer desejo de entrar em negociações comnosco. Mas o que lhe posso garantir, desde já, é que os socialistas não participarão do poder. Vejo tudo muito negro... Uma situação intranquilizadora...

—A atitude do P. S. P....

—A nossa atitude é de completa defesa da ordem. E' curioso, não é verdade? Um partido da extrema esquerda, de intuitos revolucionarios... Que quere?! A defesa da ordem, nesta altura, é a defesa de todos. Ha que manter a supremacia do poder civil, evitar a intervenção das espadas... Ou bem que vivemos numa democracia, ou bem que dependemos do autocratismo militar.

—Ministros, nada?

—Nada, senhor. O P. S. P. colaborará apenas na manutenção da ordem. No emtanto, até terça-feira, é provavel que tudo se modifique...

Estas foram as ultimas palavras do socialista que tão atenciosamente respondera ás interrogações do «reporter». Elas ficaram, porém, a martelar-nos os ouvidos: «até terça-feira...» Que se passará nas quarenta e oito horas proximas, que possa implicar uma alteração na atitude do P. S. P.?

BOLETIM DE SANIDADE

Segundo o boletim de sanidade interna, na semana finda em 12 do corrente, manifestaram-se em Lisboa 16 casos de difteria, 12 de febre tifoide, 2 de meningite, 2 de tosse convulsa e 1 de variola, e no Porto, 1 de difteria, 2 de febre tifoide e 1 de meningite.

ESPIRITO DOUTROS TEMPOS

UMA PAGINA DA VIDA

DO GRANDE E SCINTILANTE

POETA GOMES LEAL

O relato, em verso, de uma agressão a tiro, numa carruagem de caminho de ferro, contra o autor das "Claridades do Sul"

UMA GAZETILHA DO "CORREIO DA NOITE"

Está ainda na lembrança de todos a velhice extrema do alto poeta das *Claridades do Sul*, entrecortada de fome e angustias morais, longo tempo abandonado pelos seus contemporâneos que o não compreenderam e pelos governos que ainda o compreenderam menos. Valeu-lhe a mão protectora de um amigo e admirador, que com o poeta repartiu o seu tecto e o seu pão.

Quando em 1882—estava Gomes Leal no auge da popularidade e do talento—foi agredido a tiro por um faccioso, numa carruagem de caminho de ferro, facto a que a maioria das gazetas do tempo se referiu com indignação, apareceu no ha muito falecido *Correio da Noite*, a seguinte gazetilha, trocista de que certamente nenhum dos nossos leitores terá conhecimento:

Por altas horas da noite
De um «wagon» á portinhola
Assomam dois embuçados
Empunhando uma pistola! (*)

(*) Para começo da acção
Basta uma **exclamação**).

No fundo da carruagem
Dormia o poeta Gomes,
Aquelle que chama ao rei
Salafrario e outros nomes: (*)

(*) A citação d'este crime
A **dois pontos** *não se exime).*

Ouvindo erguer o gatilho
Ergue-se o Gomes num salto
E do terror no zenith
Amachuca o chapeu alto!! (*)

(*) Para a morte do penante
Dois **espantos** *são bastante).*

Contra o topete do vate
Faz pontaria o covarde,
Larga o gatilho homicida
... Mas a capsula não arde!!!! (*)

*(*) D'***espanto** *quatro signaes*
Não são agora demais).

O poeta cae de susto,
E na testa faz um gallo
—Ao longe os dois criminosos
Fogem a pés de cavallo!!!!! (*)

(*) Covardes! Pulhas! Poltrões:
Levem cinco **exclamações**).

N. B.—Estes casos tão medonhos
E aos costumes tão nocivos,
Só se descobrem em sonhos
Ou então nos quadros vivos.

Militão Bezerro.

Governadores das ilhas

A bordo do *San Miguel* partem ámanhã para os Açôres os governadores civis da Horta e Angra, respectivamente srs. dr. Gabriel Baptista de Simas e Virgilio da Rocha Diniz.

CANHONEIRA "RIO MINHO"

O seu antigo comandante vai requerer licença ilimitada

Por ter feito entrega do cargo de comandante da canhoneira «Rio Minho», surta em Caminha, apresentou-se hoje ás autoridades de marinha, o capitão-tenente sr. Sequeira Braga.

Este oficial vai requerer licença ilimitada.

ATROPELAMENTO

Na enfermaria de Santo Alberto do hospital de S. José deu entrada Antonio Machado, 20 anos, padeiro, residente na rua do Arco do Cego, pateo Colares, que na mesma rua foi atropelado por um automovel, ficando ferido no rosto.

PARA O RESSURGIMENTO DE PORTUGAL

O futuro do nosso patrimonio colonial

Um interessantissimo estudo do general sr. Norton de Matos sobre o problema da mão de obra em Angola

O general sr. Norton de Matos tem-se dedicado com afinco ao estudo do complexo problema da mão de obra em Angola. Ultimamente publicou um importante diploma que coloca a questão nos devidos termos, derrotando ao mesmo tempo os que se entretêm malsinando a sua patriotica e brilhante acção como alto comissario.

Vamos transcrever a seguir as mais importantes passagens desse diploma:

«Durante a longa viagem que acabo de fazer pelo interior de Angola, tive ocasião de observar que não foi bem compreendido, por parte de muitos funcionarios administrativos e por grande parte dos colonos portugueses e estrangeiros, a letra e espirito do decreto n.º 40, dêste Alto Comissariado, os seus elevados intuitos, os fins de desenvolvimento economico, de progresso material e moral desta importante parte do territorio português, a que o referido diploma exclusivamente visa».

....

«No preambulo do decreto referido, diz-se que um dos principios fundamentais em que deve basear-se a legislação sobre mão de obra indigena nas colónias tropicais é constituido pelo dever dos governos coloniais de favorecer e animar por todos os meios legais e dignos ao seu alcance o angariamento de trabalhadores indigenas pelos agricultores, industriais e comerciantes, cujos esforços e empreendimentos se traduzem em ultima análise num aumento da produção e riqueza das colónias».

....

«Quais os meios para exercer esta atribuição e cumprir este dever de favorecer e animar o angariamento de mão de obra indigena?

Sabem muito bem os administradores de circunscrições e os capitães-móres que êsses meios variam de região para região com a densidade da população maior ou menor civilização dos indigenas, a quantidade e natureza das culturas agricolos em que empregam a sua actividade, a facilidade com que pagam o imposto e tantas outras circunstancias que influem na mão de obra indigena. Mas êsses meios devem sempre tender ao mesmo fim, que é levar o indigena a procurar trabalho remunerado e prestado em boas condições.

Todo o administrador ou capitão-mór, digno dêste nome, que tenha sabido adquirir entre os indigenas o prestigio indispensavel ao exercicio das suas importantes funções, dispõe sempre dos meios legais e dignos, ainda que variaveis de circunscrição para circunscrição, para fazer compreender aos indigenas que têm de concorrer com o seu trabalho para o desenvolvimento da colónia, de prestar o seu auxilio ao esforço e empreendimentos dos colonos, e que não lhes poderá ser permitida uma improdutiva ociosidade:— e se deixar de empregar êsses meios terá faltado ao seu dever e falseado por completo a sua missão.

Aos agricultores, aos industriaes e comerciantes que careçam de mão de obra indigena e que não possam obtê-la neste periodo de transição, pela aplicação daquele primeiro principio, enunciado no preambulo do decreto n.º 40, de que «o melhor e mais facil e o mais proficuo angariamento de trabalhadores indigenas é o que resulta do regime de liberdade, da aplicação pura e simples do direito comum aos contractos de prestação de trabalho, compete dirigirem-se á autoridade administrativa da circunscrição ou capitania-mór onde desejem angariar trabalhadores, para que os auxiliem com aqueles meios legais e dignos, sempre suasórios e sem qualquer vestigio de compulsão, no angariamento dos indigenas de que careçam para a realização dos empreendimentos a que se abalançaram.

Essa intervenção da autoridade no angariamento de trabalhadores indigenas irá sendo cada vez menos necessaria, e um dos seus principaes objectivos será favorecer o seu desaparecimento completo num curto praso, habituando os indigenas a contractarem-se cada vez mais expontaneamente, levados pelas vantagens do salario, alimentação e vestuario e outras que o agricultor, o industrial e o comerciante lhes proporcionem».

. . . .

«De forma alguma pode haver falta de mão de obra indigena em Angola. Os ultimas recenseamentos a que se tem procedido para o pagamento do imposto indigena indicam o numero de 700:000 recenseados, o que corresponde a uma população válida e capaz de trabalhos manuais não inferior a 2.100:000 habitantes, que se podem integrar no nosso sistema de ocupação administrativa. Deixando todo o ano nas suas povoações respectivas, para os trabalhos domesticos e de agricultura e industria indigena, para limpeza e construção dos caminhos e estradas, para serviços de policia e outros das circunscrições e capitanias-móres, onde se paga regularmente imposto indigena, uns 1.800:000 habitantes válidos, ficarão para os trabalhos do Estado e particulares e para o serviço militar da Provincia, que quere apenas 2:000 homens por ano, 300:000 indigenas capazes de trabalhos agricolas, industriais, de transportes de cargas, de obras publicas e de força publica. Supondo que esses homens se contractam por seis meses em cada ano, vê-se que dispõe à colonia, no actual momento, de 150:000 trabalhadores por ano, que são mais do que suficientes para as suas necessidades actuais.

De futuro essas necessidades hão-de com certeza elevar-se, e ainda bem que assim há-de acontecer, mas então o número de indígenas que pagam imposto há-de triplicar, mercê da nossa cada vez mais intensiva ocupação administrativa, e poderemos então contar aproximadamente com um milhão de indígenas a empregar na agricúltura e indústria europeias da colónia».

. . . .

«Pagar bem ao indígena, fornecer-lhe uma alimentação abundante e sádia, cuidar do seu alojamento e do seu vestuário, cumprir religiosamente os contractos feitos, tratá-lo com respeito, simpatia, bondade e justiça é ainda o melhor meio de atrair o indígena de Angola ao trabalho. Tive a grande satisfação na minha recente viagem de verificar de que era êste o pensar quási unanime dos colonos portugueses e estrangeiros que estão exercendo a sua actividade nas regiões que percorri. Aos poucos e raros que não compartilham comigo êste modo de ver terei de significar, com o rigor da lei, que não são dignos de permanecer em Angola».

. . . .

«A intervenção das autoridades administrativas no angariamento de mão de obra indígena é absolutamente gratuita, e por isso mesmo essas autoridades que passam a exercer essa intervenção, nos termos do decreto n.º 40, tendo apenas em vista as vantagens que, para Angola e para Portugal, resultam do desenvolvimento agrícola e indústrial desta grande colónia, passam também a ter todo o prestígio e toda a força moral, perante europeus e indígenas, para o exercício da mais rigorosa, da mais constante e da mais meticulosa fiscalização das condições em que se exerce o trabalho indígena na área das suas circunscrições ou capitanias. Considero essa fiscalização como uma das mais importantes funções administrativas, e qualquer crime, abuso, injustiça ou irregularidade que se pratique na área de uma circunscrição administrativa, relativamente a trabalhadores indígenas, sem conhecimento da respectiva autoridade e sem a devida sanção penal, constituirá para mim a prova cabal da incompetência dêsse funcionário para o exercício de funções de tanta responsabilidade e importância.

Julgo que com o que acabo de dizer fica bem claro e expresso o espirito e intenções do decreto n.º 40:

—Terminar por completo e de uma vez para sempre com qualquer especie de trabalho compelido que possa ser utilizado por particulares;

—Reconhecer a necessidade, num periodo de transição, que tudo indica será curto, da intervenção da autoridade, por todos os meios legais e dignos ao seu alcance, para animar e favorecer o angariamento dos trabalhadores indigenas;

—Exigir que sejam sempre os interessados quem realize o angariamento, sendo o papel da autoridade apenas, e quando preciso, o de favorecer e sobretudo animar esse angariamento;

—Exigir, sob pena da mais rigorosa aplicação da lei, que irá até á proibição absoluta do angariamento de qualquer numero de trabalhadores indigenas, o religioso cumprimento dos contractos de trabalho por parte dos patrões, e o bom, justo e equitativo tratamento dos trabalhadores indigenas;

—Não permitir os castigos corporais;

—Obrigar os indigenas ao rigoroso cumprimento dos seus contractos, competindo ás autoridades administrativas, mas só a estas, tomar todas as medidas necessarias e legais para o cumprimento desse fim;

—Exercer sobre as condições em que se efectua o trabalho indigena a mais constante, rigorosa, e meticulosa fiscalização.

Por esta forma, um problema que depende de três factores principais, — os colonos que carecem de mão de obra indigena, o Estado e o indigena, será resolvido sem dificuldades, desde que os dois primeiros factores se compenetrem dos seus deveres mutuos e se não esqueçam de que o indigena tem de ser tutelado pelo Estado e protegido com o maior cuidado não só pelo Estado, mas tambem, e sobretudo, pelo colono.»

GAZOLINA "SHELL"

QUALIDADE SUPERIOR

Preço por caixa.... Esc. 51$00
Preço por litro...... " 1$27

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.º L.TD

CHARLES H. BLECK-MANAGER

149--R. do Crucifixo
TELEF. C. 5411 E 5412

141--R. de S. Julião--145
TELEF. C. 5231

DELEGAÇÃO NO PORTO

246--R. MOUSINHO DA SILVEIRA--250

BACALHAU PORTUGUÊS

Pedidos á

Sociedade Comercio Nacional, L.da

59--Rua Nova do Almada, 1.º
Telegramas: Almanova -- Tel. C. 3190
LISBOA

DAS 5 PARTES DO MUNDO — ESTRANGEIRO — DAS 5 PARTES DO MUNDO

FALAM OS NUMEROS

AS DIVIDAS DOS GOVERNOS ESTRANGEIROS AOS ESTADOS UNIDOS

4.166.318:350 de dollars

é o que a Inglaterra deve á America do Norte

NEW-YORK, 18

Foi publicado pela secretaria de Estado dos estrangeiros um relatorio referente ás dividas das nações estrangeiras aos Estados Unidos. Essas dividas estão divididas da seguinte forma:

Creditos concedidos em virtude do «Liberty Loans Acts»; venda de material de guerra; generos alimenticios; divida á «Grain Corporation».

O total das dividas, segundo esse relatorio, é o seguinte:

Paises	Dollars
Armenia	11.959.917
Austria	24.055.709
Belgica	375.280.109
Cuba	9.025.500
Tcheco Slovaquia .	91.179.529
Estonia	13.999.146
Finlandia	8.281.926
França	3.350.762.938
Grã-Bretanha	4.166.318.358
Grecia	15.000.000
Hungria	1.685.836
Italia	1.648.034.051
Letonia	5.132.287
Liberia	26.000
Lituania	4.981.628
Polonia	135.661.661
Romenia	36.128.495
Russia	192.601.297
Servia	51.153.160

Durante a guerra os Estados Unidos concederam ao estrangeiro creditos representando, pouco mais ou menos, 15 biliões, dos quais cêrca de 3.000.000.000 devidos a particulares que colocaram capitais em valores estrangeiros.

A situação oconomica da Europa Oriental

VARSOVIA, 19

Chegou a esta cidade uma comissão da Sociedade das Nações, encarregada de estudar a situação economica da Europa Oriental, tendo já procedido a um inquerito na cidade livre de Dantzig. Seguirá, depois da Polonia, para a Letonia e Estonia.—(U. P.)

NO EXTREMO-ORIENTE

A PROPAGANDA COMUNISTA

NO ORIENTE PROVOCA UMA GUERRA DE RELIGIÃO?

Vai ser organizado um grande exercito vermelho?

Apezar da oposição sistemática que lhe tem sido feita pelos governos da Europa, apezar das dificuldades terríveis com que luta actualmente, tendo a maior parte da população dizimada pela fome, o govêrno dos *soviets* tem uma fôrça que todos são obrigados a reconhecer lhe.

Tendo encontrado uma resistência continuada e irreductível por parte do Ocidente, os comunistas voltaram os seus esforços para o Oriente e começaram aí uma campanha actívíssima que nunca teve em vista proclamar o regime socialista. Nas sociedades do Oriente não existe o proletariado indústrial, única base possível duma revolução social; mas existe o ódio de raça e de religião do Ocidente, que os comunistas habilmente exploraram, para terem neles os grandes auxiliares na lutas contra os governos capitalistas.

Tendo compreendido a fôrça enorme que teriam ao seu dispor, se conseguissem conquistar as massas do Oriente, logo que chegaram ao poder organizaram um plano de acção, particularmente no Extremo-Oriente. Sob a direcção do comissariado dos negócios estrangeiros, foi criado em Petrogrado um instituto *militarizado*, com o fim de recensear propagandistas das doutrinas nos povos da Ásia. Em Moscou estabeleceram-se secções especiais, que foram depois substituidas por organizações comunistas chinesas, da Corea, etc.

Á frente destas organizações estão homens de grande cultura e conhecimentos politicos, se bem que não duma vida moral e dum caracter dignos de muita consideração.

Como não podem combater uma organização capitalista que aí não existe, excitam o odio de raça e religião contra os povos do ocidente, por todos os meios. A propaganda reveste o tom das imprecações orientais. Contra os ingleses, clamam: «Cães! Nem sempre devorareis os povos do Oriente! Estão acordondo e já ouvem o nosso apelo para a guerra santa!»

Os resultados desta campanha têm-lhes sido magnificos; todo o oriente está com os bolchevistas. Assistimos á convocação duma conferencia de povos orientais na Russia, ao mesmo tempo que as nações capitalistas se dirigiam a Washington.

Não se limitaram porém a uma propaganda de ideias. Não tendo a combater naquelas nações, mas apenas a captar adeptos, tendo encontrado aqueles povos prontos a escutá-los, arrolaram homens nas fileiras vermelhas e grande parte do exercito bolchevista é composto de gente da China, da Coreia, etc. Os primeiros chineses a serem alistados foram os que trabalharam na construção do grande caminho de ferro de Mourmansk.

Com estes elementos o governo dos «soviets» pensa em organizar um grande exercito vermelho. Lançado sobre a Europa, as peores consequencias não estariam numa problematica vitoria, mas na infiltração dos barbaros.

Os «soviets» porém, não têm tenções de fazer a guerra; o seu fim será alcançado por meios indirectos. Assim, a revolta da India, se bem que feita em nome da independencia, tem a sua causa determinante na campanha activa da Russia.

Se a Inglaterra perde aquele grande mercado, agravando, ainda a crise dos trabalhadores ingleses, e com ela, os capitais, as fontes de materia prima, emfim, a riquesa incomparavel que é a India, é facil de calcular a repercussão enorme que isso virá ter, nas massas de trabalhadores. A crise de trabalho agravada provocará, pela fome, a revolução social.

No Extremo-Oriente, a campanha dirige-se especialmente contra o Japão a favor dos Estados Unidos, não propriamente pela simpatia que esta lhe inspiram, mas porque mais dificil lhe será fazer a sua propaganda, se as duas nações chegarem a um acôrdo.

E para isso, os «soviets», estado anti-militarista por excelencia, ofereceram aos Estados-Unidos uma base naval no litoral russo do Pacifico.

Ao mesmo tempo os «soviets» entabolaram relações mais ou menos directa, com o Ocidente, por meio dos socorros aos famintos, pelas notas trocadas com o governo inglês, pelos tratados comerciais.

Diz-se nos meios financeiros bem informados que a situação da sua divida externa será tratada ao mesmo tempo que a da divida dos aliados. Não se pode dizer que os «soviets» não tenham podido aproveitar habilmente todas as situações, meios e ocasiões de propaganda.

O DESARMAMENTO

O METAL DOS NAVIOS VAI SERVIR PARA MAQUINAS AGRICOLAS?

O americano Henry Ford

propõe-se fazê-lo e envia ao governo um telegrama

WASHINGTON, 19

Henry Ford, o conhecido industrial dos automoveis do mesmo nome, propõe-se utilizar o metal dos navios velhos e dos navios de guerra que se hajam de inutilizar, para fazer com eles instrumentos de lavoura e maquinas destinadas á industria. Por este motivo enviou ao governo dos Estados Unidos um telegrama em que propõe comprar todas as armadas do mundo ao preço do ferro usado. «Se me vendem os navios, afirma, empregarei todos os operarios do mundo para fazer com ele tratores e outras maquinas que contribuirão para o bem do Universo.—(U. P).

DE MELILLA

A coluna do general Sanjurjo ocupou o monte Uisan

MELILLA, 19

Continuam com exito as operações dirigidas pelo general Sanjurjo. O general Berenguer enviou ao ministró da guerra um telegrama informando-o de que a coluna de Sanjurjo ocupou o monte Uisan sem novidade. Este facto demonstra o desalento da harka, não hostilizando os combatentes.—(R.)

ELECTRICIDADE-MAQUINAS

Instalações e reparações—Peçam orçamentos gratis A Electro-Quimica Lt.ª R. Douradores, 29, 3.º Lisboa.

O DIARIO DE LISBOA vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

TEATRO CHIADO TERRASSE

Companhia Luz Veloso

HOJE—A festejadissima e celebre peça de Nicodemi, em 3 actos,

Migalha

Ricos mobiliarios
Scenarios novos
Brilhante enscenação
Magnifico desempenho

Num dos proximos dias—2.ª récita de assinatura—1.ª representação da peça de Victoriano Braga. O CONSELHO DA NOITE,

COMPANHIA DOS TELEFONES

AVISO AO PÚBLICO

SECÇÃO DE CONTRATOS

PREVINEM-SE todas as pessoas que desejem telefonar para as Avenidas novas na Área do Norte até á Rua do Conde de Redondo que a Companhia se acha habilitada a satisfazer todos os pedidos sem demora, visto ter completado a ampliação da rêde nestes locais.

SECÇÃO DE LISTAS

Estando presentemente a confeccionar-se a lista telefónica para o próximo ano, a Companhia pede a todos os subscritores que tenham alguma alteração a fazer nas suas moradas ou nomes para enviarem até ao próximo mês de Dezembro nota dessas alterações para a Secção de Listas, na Rua de S. Pedro de Alcântara, 7. Como nas listas anteriores, todos os subscritores têm direito a uma inscrição segundo o que ficou indicado no respectivo contrato, inscrição onde figura o número telefónico, nome, morada, completa e qualquer indicação exarada no contrato.

Todas as duplicações de nomes e outras indicações de conveniência do subscritor, bem como anúncios ou quaisquer reclames devem ser tratados com a emprêsa exploradora da lista com a qual a Companhia nada tem, sendo, porêm, a única autorizada pela Companhia a confeccionar a mesma, angariando os anúncios e reclames que achar conveniente para o seu fim.

Todas as indicações desta espécie devem ser dirigidas ao Centro Tipográfico Colonial, Largo da Abegoaria, n.º 27, ou pelo telefone Central 2337.

EM ARMAZEM

Desnatadeiras e batedeiras
Correias de couro e de balata
Atilhos, rebitas e ligadores
Lubrificadores e almotolias
Vidros de nivel e anilhas de borracha
Aparelhos diferenciais
Empanques, amiantos e desperdicios
Etc., etc., etc.

JOHN M. SUMNER & C.º
SUCESSOR
JOSÉ J. TEIXEIRA
29 — Avenida da Liberdade — 37
LISBOA

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

O ULTIMO ACTO DUMA TRAGEDIA

A TRASLADAÇÃO DO CORPO DE ANTONIO GRANJO

Porque foi morto o malogrado presidente do conselho?

Existem documentos que explicam a razão de certos odios

PORTO, 19.—O sr. presidente da Republica enviou uma carta ao sr. dr. Lobo Alves, pedindo-lhe para o representar na cerimonia. Nessa carta, o venerando chefe do Estudo diz que, muito brevemente, terá ensejo de demonstrar como era grande a alma de patriota de Antonio Granjo. Consta que o sr. dr. Antonio José de Almeida está a escrever um livro, em que explica a sua atitude perante os ultimos acontecimentos. Nesse livro, será devidamente apreciada a personalidade moral do malogrado presidente do ministerio. Pessoa que com ele lidou de perto, afirmou que entre os papeis que ele tinha na carteira quando foi assassinado—papeis esses que se encontram agora em poder da viuva—existe um documento importante, que pode lançar luz sobre as causas da sua morte. Diz-se ainda que na gaveta da sua secretaria do ministerio do Interior, havia duas cartas que foram guardadas por um continuo, que depois as entregou á familia Granjo. Essas cartas podem aclarar um pouco a misteriosa razão porque algumas pessoas odiavam o desventurado chefe do governo.—N. L.

A' passagem, em Coimbra, registou-se uma imponentissima manifestação de pezar

COIMBRA, 19.—Constituiu uma grande manifestação de pesar e repulsa pelos atentados da noite trágica de 19 de Outubro, a romagem desta madrugada á estação de Coimbra-B, á passagem do cadaver de Antonio Granjo. Concorreram centenas de pessoas e não obstante a chuva, que começou a cair desde as primeiras horas da noite, viam-se ali o general sr. Simas Machado, o chefe do estado maior da 5.ª divisão do exercito, o governador civil e o secretario geral, oficiais de todas as unidades militares, Paes Gomes, ex-ministro da Marinha, parlamentares dos partidos liberal e reconstituinte, o comissario geral da policia, inumeros estudantes e representantes de colectividades republicanas de todos os partidos.

A' chegada do comboio, era profundo o silencio. A viuva de Antonio Granjo recebeu condolencias do general da divisão e de outras individualidades, que lhe manifestaram a sua profunda mágua. Sobre o feretro foram depostas corôas oferecidas pelos oficiais da guarnição da cidade, pelos estudantes, pelos trasmontanos e pelo Centro Liberal. Trocaram-se cumprimentos entre o general Simas Machado e o ministro da Guerra. Após uma curta demora, o comboio pôz-se em marcha, levando desta cidade delegados da academia, Camara Municipal, Junta Geral do Distrito e do Partido Liberal. Seguiu tambem o sr. Paes Gomes, o secretario geral do Governo Civil, etc. A bandeira nacional flutua a meia haste em quasi todos os edificios publicos.—*(Especial).*

De Lisboa ao Porto

O povo, as guarnições militares e os altos funcionarios do Estado manifestam a sua dôr á passagem do comboio em que é transportado Antonio Granjo

PORTO, 19.—O comboio seguiu marcha com regularidade até Campanhã. Em Azambuja, a primeira paragem, a gente do povo quiz que fôsse aberto o «fourgon», para vêr a urna; por falta de tempo, não foi possivel satisfazer esse desejo. Um homem do campo disse, então, algumas palavras simples, traduzindo a sua dôr pela morte de Antonio Granjo, a quem chamou um grande republicano. Na mesma carruagem em que vai a familia de Antonio Granjo viaja o ministro da Guerra, que pediu ao sr. dr. Lobo Alves para o apresentar á viuva.

Em nome do governo, o ministro mais uma vez lhe manifestou a sua magua, tendo estas palavras: «Fique vossa excelencia descansada, minha senhora, que o governo saberá punir rigorosamente os autores do infame atentado que vitimou seu marido, bem como os seus cumplices, sejam eles da categoria social mais elevada. Ainda que tenham estrelas no braço, os autores ou promotores dos atentados de 19 de Outubro serão severamente punidos».

—Em Paialvo o comboio parou alguns minutos. Compareceu uma delegação da guarnição de Tomar, acompanhada por Alves Pedrosa, comandante da setima divisão. O *fourgon* foi aberto e os oficiais depositaram uma coroa com esta singela dedicatoria: «a guarnição militar de Tomar, ao seu camarada Antonio Granjo».

Alves Pedrosa cumprimentou o ministro da guerra e foi, depois, apresentado á viuva de Antonio Granjo, a quem expressou a sua grande magua pela morte de seu marido. Por fim, declarou: «Tenho acompanhado vossa excelencia desde o primeiro momento e até ao ultimo dia da minha vida acompanhá-la-hei na sua dôr». A viuva agradeceu comovida a Alves Pedrosa, que apertou a mão afectuosamente a Manuel Granjo, sobrinho do malogrado presidente do ministerio. Seguem ainda no comboio, Ginestal Machado e Lima Duque, que foram ministros do gabinete Granjo.

A ausencia de politicos graduados na despedida de Lisboa—Recorda-se Antonio Granjo

PORTO, 19.—Foi muito notada a ausencia de politicos, quando da trasladação do cemiterio para o Rocio. Corriam certos boatos terroristas, chegando o comissario da policia a fazer um aviso nesse sentido, á comissão. Maia Pinto afirmou, no cemiterio, a Manuel Granjo, que será feita completa justiça. Em Santarem, a delegação da Camara depositou uma corôa com uma sentida dedicatoria. Foi aberto o «fourgon», tendo muitas pessoas deixado cartões sobre a urna. O dr. Lobo Alves e o dr. José Pontes cumprimentaram os jornalistas, seguindo algum tempo na nossa carruagem. Recordou-se o caracter nobilissimo de Antonio Granjo, o seu amor á provincia de Trás-os-Montes e o seu ar quasi infantil. Contaram-se alguns episodios da sua vida politica.

Do Rocio até Vila Franca havia, de quilometro em quilometro, um empregado da linha com um archote aceso. A cerimonia de hoje em Chaves será essencialmente militar. A urna, que será entregue á guarnição, fica depositada na camara.—*Norberto Lopes.*

Foi imponentíssima a recepção na estação de Campanhã

PORTO, 19.—O combóio chegou a Campanhã ás 7 horas. Na gare estavam o comandante interino da divisão, o comissário de polícia, representantes da Câmara Municipal, oficiais da guarnição e mais elemento oficial, Daniel Barros Queiroz representando seu pai, antigo presidente do ministério. O «fourgon» foi aberto e depositadas muitas corôas. Entraram em Campanhã os estudantes do Pôrto, a delegação da Câmara, os representantes da guarnição militar e amigos pessoais e políticos de Granjo. Na gare estavam alguns oficiais da guerra, que frequentaram a escola de milicianos do Pôrto, com António Granjo e conbateram depois juntos em Flandres. O combóio partiu de Campanhã ás 9 horas em ponto. Até Régoa, fizeram turnos as Câmaras do Pôrto, Coimbra, o Centro António José de Almeida, parlamentares e as Câmaras do Douro.

A fome em Cabo Verde

Os contractados fogem das roças

Muitos caboverdianos, por motivo da fome naquele arquipélago, foram mandados trabalhar para as roças de S. Tomé, mas como têm fugido, apesar de contractados, vão aos mesmos que ainda se conservam nas roças ser entregues bilhetes de indentificação com a impressão digital a fim de evitar essas fugas, visto muitos deles terem dado nomes supostos.

Os caboverdianos referidos negam-se a trabalhar nas roças.

A conferencia de hoje

com o sr. ministro da justiça

Conferenciaram, hoje, com o sr. ministro das finanças, o sr. dr. Eduardo Burnay, presidente do conselho de administração da Companhia dos Tabacos, um director do Banco do Minho e o director geral interino dos hospitais civis de Lisboa.

Agradecimento

A familia do malogrado vice-almirante Machado Santos, na impossibilidade de agradecer pessoalmente a todas as pessoas e colectividades, oficiais e particulares, as demonstrações de pezar pelo tragico assassinato, patenteia por esta forma a todas elas o seu eterno reconhecimento, especialmente á imprensa, que sinceramente manifestou a sua repulsa pelo infame atentado.

Avenida
UMA VIAGEM
Á CHINA

Alegria	Praser
COLISEU DOS RECREIOS	
Economia	Comodidade

"Diario de Lisboa"
Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

TEATRO DE S. CARLOS
Telef. C. 5063
Companhia dramatica
REY COLAÇO - ROBLES MONTEIRO
HOJE—Ás 21 horas—HOJE
ENTRE GIESTAS
2—representações—2
3.ª feira—1.ª representação da peça
O REGRESSO
Reaparição da distinta actriz Angela Pinto

BOLSA DE LISBOA

CAMBIOS

DIA 19

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	56$000	58$000
s[Londres, cheque	5	4 7[8
» 90 d. v	5 1[8	—
Rio s[Londres	7 3[4	—
s[Paris	$865	$868
s[Itália	$500	$513
s[Bélgica	$838	$860
s[Suiça	2$258	2$318
s[Espanha	1$648	1$692
s[Berlim	$043	$049
s[Holanda	4$225	4$330
s[Nova-York	12$000	12$310
Rio Brasil	$66	$60
T. Desc. Banco de Inglaterra	5	—
» » » Portugal	7	—
Ágio do ouro	1$00	1$100

COTAÇÕES ESTRANGEIRAS

Madrid s[Paris	52,65
» s[Londres	29.11
» s[Nova-York	—
» s[Berlim	2,85
Paris s[Londres	55,315
» s[Madrid	—
» s[Genebra	—
» s[Berlim	—
Londres s[Paris	55,47
» s[Roma	96,00
» s[Nova-York	4,00
» s[Berlim	10,57
» s[Amsterdam	11,365
» s[Genebra	21,23
» s[Bélgica	57,22
» s[Austria	—
» s[Suécia	17,17
» s[Noruega	27,67

NA REGIÃO DE LYON

A temperatura e a colheita dos morangos

LYON, 19.

Têm-se este ano notado nesta região grandes anormalidades na temperatura. No vale de Rodano encontravam-se há meses as arvores em plena florescencia. O que, porém, há de mais extraordinario é que, não obstante o grande frio que sucedeu aos calores anormais e o qual há duas semanas domina com os seus rigores na região, se colhem agora em alguns pontos do Vale de Rodano os morangos perfeitamente maduros e sazonados, fruta que só em junho ou maio costuma amadurecer nesta região.—(U. P.).

O melhor preparado para uma boa digestão é o espectaculo artistico e economico todas as noites no
COLISEU DOS RECREIOS

TEATRO SALÃO FOZ
Empresa Artur Emauz
Companhia OTELO DE CARVALHO
de que fazem parte Antonio Gomes (da Trindade), Laura Costa e Julia d'Assunção
Exito autentico
brilhante, irrefutavel
E' o da graciosa revista
BICHINHA GATA...
Todas as noites
em duas sessões
Numeros repetidos
Constante gargalhada

COLISEU dos RECREIOS Telef. C. 4196
HOJE—ás 20,45 (8 3[4)—HOJE
MAGNIFICO ESPECTACULO da
GRANDE COMPANHIA DE CIRCO
A'manhã—Grandiosa matinée
Bilhetes á venda—Os espectaculos do Coliseu são os mais artisticos e os mais baratos de Lisboa
Brevemente—ESTREIA dos notaveis artistas excentricos HORNBECK BROS.